

ESCRITA E PUBLICAÇÃO EM PSICANÁLISE NA ATUALIDADE ¹

| MARIA TEREZA GUIMARÃES LIMA ²

RESUMO

A autora apresenta uma reflexão sobre a escrita psicanalítica, abrangendo aspectos referentes à interpretação psicanalítica da atividade de leitura-escrita e suas interações com a cultura e áreas afins do conhecimento humano. Aborda questões inerentes ao campo da publicação do pensamento teórico-clínico psicanalítico.

Palavras-chave: Escrita psicanalítica. Objeto psicanalítico. Publicação. Produção científica.

ABSTRACT

The author presents a reflection on psychoanalytic writing, covering aspects related to psychoanalytic interpretation of reading-writing activity and its interactions with culture and related areas of human knowledge. It addresses issues inherent to the field of publication on psychoanalytic theoretical-clinical thinking.

Keywords: Psychoanalytic writing. Psychoanalytic object. Publication. Scientific production.

1 Trabalho apresentado na IV Jornada de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza - SPFOR, em setembro de 2019.

2 Psicanalista. Membro associado da Sociedade Psicanalítica do Recife - SPR-PE.

Desde que recebi o convite de Haydée Brito, editora da Revista de psicanálise - *Reverie*, da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza, para participar da mesa *Escrita e publicação em psicanálise na atualidade*, na IV Jornada de Psicanálise da SPFOR, comecei a gestar o que iria abordar.

Lembrei de palestra que presenciei recentemente, proferida pelo escritor, jornalista e biólogo moçambicano Mia Couto, em Vitória de Santo Antão, cidade do interior de Pernambuco. Fiquei encantada com as palavras que escutei, com a forma singela da sua apresentação, principalmente quando ele falou sobre o seu processo criativo, revelando “que bastava a vida tomar conta dele e conviver com as pessoas para que a motivação e as ideias surgissem” (sic). Assim encontrava a condição de permanecer escrevendo.

Através dessa lembrança pude fazer a conexão com o tema da nossa mesa, a escrita psicanalítica, que também se processa, no nosso caso, diante das pessoas e das vicissitudes da vida.

Temos como um dos objetivos de nossa escrita incentivar nossos pares a escreverem com o propósito de compartilharem suas experiências analíticas, pesquisas e considerações teóricas dentro do respeito e da ética necessários, de modo a irmos constituindo um pensamento científico que nos represente. Esse processo exige de nós leitura e dedicação que remetam ao exercício clínico- teórico.

Em relação à nossa escrita, lidamos com limites no que se refere ao que podemos transmitir, respeitados o sigilo profissional e a natureza do objeto psicanalítico.

Durante os anos de 1887 a 1904 Freud começou a pensar a psicanálise e a escrever cartas ao seu amigo Wilhelm Fliess; esse período registra o nascimento e o desenvolvimento inicial da psicanálise. Freud escreveu, então, alguns trabalhos como Estudos sobre a histeria, A Interpretação dos Sonhos, A etiologia da histeria e o caso clínico de Dora.

A correspondência com Fliess foi uma forma que Freud encontrou para não apenas ter um interlocutor, como também ter um espaço onde fosse possível formatar sua teoria, visto que se encontrava, então, isolado do meio científico, sentindo-se rejeitado por seus pares.

Em 1900, Freud revelava que “... a superfície sobre a qual a anotação é preservada, caderneta ou folha de papel, é como se fosse uma parte materializada de meu aparelho mnêmico que, sob outros aspectos, levo invisível dentro de mim” (1925/1976, p. 285).

Mais tarde, em 1930, Freud - por seu estilo singular de narrar suas descobertas - chegou a ser agraciado com o Prêmio Goethe de literatura, na cidade de Frankfurt, onde fora reconhecido como o criador da psicanálise e escritor.

Através dos nossos mestres, que foram fundamentando suas teorias e dando credibilidade científica à Psicanálise, recebemos registros que, ao longo do tempo, permitiram nosso acesso ao conhecimento da evolução do pensamento psicanalítico, revisada a clínica e acrescentados novos conceitos à teoria psicanalítica.

Muitos autores fizeram escolas e nos deixaram registrada a história da Psicanálise, tais como:

Freud: 1856-1939 (pai da psicanálise - 1896);

Karl Abraham: 1877-1925 (escola freudiana - Uma forma de resistência neurótica contra o método psicanalítico - 1919);

Sándor Ferenczi: 1873-1933 (escola freudiana - Teoria das relações objetais - 1908);

Wilhelm Reich: 1897-1957 (escola freudiana - Análise do caráter-1933);

Carl Jung: 1875-1961 (psicologia analítica - 1912);

Anna Freud: 1895-1982 (escola freudiana - O ego e os mecanismos de defesa - 1936);

Melanie Klein: 1882-1960 (escola Kleiniana - Relações objetais - Estados iniciais do desenvolvimento infantil - 1919);

Margaret Mahler: 1897-1985 (escola da psicologia do ego-psicose infantil - 1948);

Heinz Kohut: 1913-1981 (escola psicanalítica do self - patologias narcísicas - 1957);

Jaques Lacan: 1901-1981 (escola freudiana de Paris - releitura freudiana - 1951);

Donald Winnicott: 1896-1971 (Desenvolvimento psique - soma - ambiente - 1934);

e Wilfred Bion: 1897-1979 (Dinâmica em grupo - Teoria das Relações Objetais - 1961).

E nós psicanalistas seguimos revelando e aprimorando nossa escrita, no caminho da interpretação psicanalítica da atividade de leitura-escrita e da apresentação científica.

Nosso ato de escrever revela algumas dificuldades ao nos deparar com uma folha/tela em branco; sentimos a real sensação de “deu um branco”, de certa inquietação ou mesmo de sermos impulsionados a registrar e manifestar nossos pensamentos, sentimentos, conhecimentos, dúvidas etc. que fervilham no nosso mundo interno, gerando tensão, para que através das palavras, expressemos aquilo que podemos chamar de revelação da nossa quase verdade, que são nossas memórias, lembranças, registros teóricos e clínicos. Uma construção a partir de diversos elementos da nossa prática, que na verdade não são expostos na sua íntegra como não poderiam ser.

A escrita deverá ter a intenção de provocar algo no leitor que através de lembranças e associações que o texto lhe desperte, venha a mobilizá-lo de forma a que a escrita seja sentida e não apenas intelectualmente reproduzida. Dessa forma estamos falando de uma escrita que seja viva e dinâmica.

Além de recorreremos à nossa vivência clínica, interagimos com a cultura e discutimos ideias, conceitos, métodos, pensamentos etc. com as mais diversas áreas do conhecimento humano, tais como sociologia, filosofia, antropologia, literatura, arte, música, poesia, cinema e tantas outras.

E esse processo, como ocorre? Segundo Green (1994):

...praticar a psicanálise, mesmo a dos textos, necessita que se tenha passado pela experiência da psicanálise ... convém que o psicanalista tenha feito previamente in vivo, o percurso que possa relacioná-lo com o que sua consciência desconhece necessariamente para se abrir ao campo do inconsciente, o qual é antes de mais nada seu inconsciente, condição essencial para falar do inconsciente dos outros, até mesmo em se tratando de textos literários (pp.12-14).

Seguimos construindo o pensamento que remete à nossa vivência clínica, registrando nossas observações e emoções diante do encontro vivido com nossos pacientes para talvez apresentar o que ainda não foi pensado, mas certamente sentido e nunca revelado na sua essência. No encontro com o paciente sentimos sua angústia, sua dor psíquica apresentada por ele e como ele consegue, através da revelação possível do mais íntimo sentimento exposto no encontro emocional do par analítico, revelando subjetividades, seja através da transferência-contratransferência, ou mesmo considerando a consciência, propiciando o surgimento do momento criativo da dupla.

Através desse espaço, onde se desenvolve a narrativa, entramos em contato com nossa intersubjetividade. “O trabalho da escrita dirige-se ao ausente representado pelo leitor. Exacerbando os efeitos subjetivos inconscientes que implicam sempre uma invocação terceira, como pode ser notado na fala psicanalítica”, como nos fala Green (1994, p. 14).

Escrever nos silencia e nos coloca diante da nossa solidude, abrindo o caminho para que se revelem nossas inquietações, incertezas e descobertas que sentimos na relação com o outro e com nós próprios. Faz parte da nossa identidade analítica, nossa prática nos faz sentir solitários e essa interação, através da escrita, nos alimenta, permitindo a troca de ideias e a expansão do pensamento em geral, especialmente do pensamento psicanalítico.

A partir do contato com nossos sentimentos e pensamentos, colocamos em palavras nossas revelações, buscando adequar a melhor expressão que transmita nossa comunicação. E a linguagem vai se apresentando, possibilitando a materialização do pensamento, no movimento de construção e desconstrução.

Nossa comunicação solicita uma forma adequada de escuta e de expressão. Tal como na música, onde as notas musicais vão constituindo a melodia; assim é a nossa escrita, as palavras vão dando o tom da nossa comunicação através desse compasso, agrupando nossos conhecimentos, nossa vivência clínica, e colocando em palavras nossas emoções.

Freud, em seu artigo “O Inconsciente” que tem raízes sobre sua monografia Afasia (1891), nos diz que “uma palavra é, portanto, uma apresentação complexa... corresponde à palavra um complicado processo associativo no qual se reúnem os elementos de origem visual, acústica e cenestésica” (1915/1969, p. 243).

Segundo Green (1994), “tornar-se consciente consiste em relacionar a representação de coisa e a representação de palavra da qual a escritura é a manifestação. No escrito, a relação representação de coisa - representação de palavra tende para o lado da representação de palavra ... A representação de palavra é o meio pela qual o pensamento se organiza”.(p. 28).

E Ogden (2010, pp.139 -159) nos revela:

Na escrita, o significado de trazer à vida uma pessoa, um sentimento, uma ideia, deve ser encontrado na experiência do leitor de ler ou de escutar as palavras ou frases sendo ditas (escritas) pelo escritor. Esse é o desafio de toda a literatura e toda a escrita analítica, já que ambas se preocupam fundamentalmente com a tarefa de usar a linguagem para apreender a experiência humana. O trabalho do escritor analítico como o escritor de poesia e ficção começa e termina com esse esforço de criação na linguagem da experiência de vitalidade humana. E se o escritor analítico se contenta em falar sobre vitalidade ou desvitalização seus esforços seriam em vão.

Passemos, então, ao ato da publicação. Nossa publicação remete ao cuidado que temos em relação à divulgação do nosso pensamento, da apresentação do objeto psicanalítico, como também visamos fomentar o diálogo através da apresentação de ideias, sentimentos e afetos, criando espaço para a criatividade e a interlocução com psicanalistas e outros profissionais, favorecendo assim ao desenvolvimento do pensamento analítico. Visando atingir maior número possível de leitores, não só nossos colegas e profissionais das áreas afins, mas também levar ao público leigo nosso pensamento, ao apresentar a psicanálise na forma como a praticamos e a respeitamos, elevando em critérios científicos nossas publicações.

Como buscar esses caminhos?

Atualmente, é necessário que façamos atualizações não apenas na forma como devemos apresentar nossos artigos, mas também em relação aos caminhos que utilizamos para atingirmos e interagirmos com os nossos leitores. Vivemos a era das transformações, principalmente por conta da revolução tecnológica que estamos presenciando há algumas décadas.

Através das palavras nos expressamos não só diante dos nossos pacientes, como também diante do nosso público informando e transmitindo nosso ofício, proporcionando os meios que facilitem ao outro a busca da compreensão de si mesmo, despertando o interesse no caminho para seu autoconhecimento e muitas vezes levando um entendimento, com o olhar diferente sobre um determinado acontecimento.

Nossa escrita e publicação nos solicita o cuidado que devemos ter para protegermos nossa produção científica, respeitando e nos adequando às exigências encontradas nos sites de indexação científicos, os critérios determinados pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), Índice da Literatura Científica e Técnica da América Latina e Caribe (Lilacs), bem como também seguindo as normas e orientações dos nossos parceiros e colaboradores.

Abro aqui um espaço para falar de outras formas e maneiras de divulgação da psicanálise e do nosso pensamento, diferentes dos meios científicos, em ambientes não psicanalíticos.

Transmitir nossos conhecimentos para as classes sociais populares, que ainda não tiveram acesso a esse específico método de investigação da psique, implica um compromisso com nossa sociedade, com a aplicação dos conhecimentos psicanalíticos – em linguagem acessível – ao entendimento de questões sociais relevantes, como a pobreza, a violência, os preconceitos etc., através de programas em escolas públicas, associações de moradores de bairros, creches e etc.

Enfim, nossa responsabilidade com a transmissão da psicanálise percorre vasto caminho com o qual devemos nos comprometer.

Somos implicitamente divulgadores dos nossos pensamentos e métodos e, como tais, responsáveis por sua difusão, sempre evitando a sua banalização, o que poderá contribuir para o demérito da Psicanálise.

É importante também que seja ampliado o acesso aos conhecimentos e técnicas psicanalíticas de modo a beneficiar a cultura e a saúde pública, mas se faz necessária também maior atenção quanto à criação de cursos e seminários de metodologia científica e elaboração de trabalhos científicos, de modo a oferecer informações e conhecimentos adequados para nossos analistas-escritores e avaliadores, proporcionando assim uma aproximação em relação aos critérios de elaboração e avaliação dos trabalhos científicos.

Nossos avaliadores-analistas extraem das suas vivências psicanalíticas as possibilidades de alcançarem os fenômenos inconscientes nas leituras desses artigos, reagindo aos textos como a uma produção do inconsciente. Utilizam-se também de seus conhecimentos psicanalíticos teóricos-clínicos, conforme as modalidades da escrita psicanalítica.

Atualmente na Sociedade Psicanalítica do Recife nossa forma de avaliação dos trabalhos de membros e candidatos considera alguns critérios, tais como o conteúdo do trabalho, aspectos formais de publicação, criatividade e inovação. Solicitamos também que os avaliadores apresentem suas observações através de comentários. Caso surja a necessidade de conversar com o autor do artigo, marcamos um encontro para abordar as modificações sugeridas e os critérios de avaliação. O corpo editorial é responsável pela avaliação dos trabalhos a serem publicados. E nessa perspectiva não podemos desconsiderar os aspectos éticos e legais envolvidos na nossa atividade, como o termo de consentimento dos analisandos, os direitos e deveres legais, sempre considerados os fundamentos da singularidade do método e da ética da psicanálise que orientam nossa clínica e pesquisa.

Qual é o nosso público? Predominantemente, são nossos pares, que se interessam pelas nossas publicações, mas também profissionais de áreas afins, como da filosofia, literatura, poesia, cinema, sociologia, educação e medicina dentre

outros, que mantêm conosco diálogo através da troca de ideias e pensamentos que revelem a essência e o comportamento humanos.

E o público leigo? Há viva curiosidade por parte desse público, quase sempre atento, com pessoas interessadas pelo saber psicanalítico, curiosas frente às informações relativas aos aspectos do mundo psíquico.

Assim, podemos contribuir e oferecer informações de fontes fidedignas, através de profissionais qualificados e em constante atualização, pois a psicanálise está a todo momento dialogando e procurando revelar aspectos inerentes à compreensão do comportamento humano no que diz respeito ao meio social, cultural e político, transpondo as fronteiras da nossa instituição. É através das nossas participações e publicações que nos apresentamos como psicanalistas, ao difundir com critério dados sobre nossa prática e sua aplicabilidade, contribuindo para a divulgação e o desenvolvimento da Psicanálise.

Temos compromisso com a facilitação ao acesso à Psicanálise, seja estimulando o interesse, a participação e a reivindicação do público em geral, seja fundamentando argumentos, através de nossas teorias e práticas e aspectos de cunho social e legal, junto a lideranças e instituições que possam mobilizar e concretizar essa construção social.

Como proteger a divulgação da psicanálise? Um dos aspectos cruciais diz respeito à questão do cuidado ético em relação às narrativas clínicas, como citado acima. Essa proteção também se dá através da adequada escolha dos meios para publicar nossa produção científica.

No que concerne ao papel de editores, somos remetidos à responsabilidade da representação do pensamento dos membros de determinada sociedade, consolidando as raízes da identidade da instituição.

Consideramos importante o diálogo estreito entre os componentes da Comissão Editorial, como também entre os editores das revistas de outras sociedades afins. Promover a troca de conhecimentos e atualizações é fundamental para proteger a qualidade científica.

É importante que exista autonomia do autor em relação ao projeto editorial da revista e que a revisão do avaliador e a seleção dos trabalhos para publicação não ultrapassem os critérios estabelecidos para a revisão e a avaliação. Que respeitemos as avaliações anônimas de trabalhos a serem publicados, desde que visando a crítica construtiva e a qualidade dos mesmos.

Outra questão relevante diz respeito aos custos da publicação – revisão de texto, diagramação, gráfica, divulgação e etc.

Onde divulgar o pensamento e a prática psicanalíticos?

Temos o mundo literalmente em nossas mãos. Através do celular: acessamos de forma imediata inúmeras possibilidades de obtermos informações. Nossas divulgações abrangem espaços acadêmicos, sites de indexação/busca on-line, LinkedIn, BIVIPSI (Biblioteca Virtual de Psicanálise), sociedades psicanalíticas, e-books, revistas eletrônicas, Facebook, WhatsApp, blogs, Instagram, podcast, escolas, universidades, jornais, revistas, rádios e tvs aberta, fechada e universitária.

Quem sabe não estamos na contramão do que nos mostra o momento atual? Quando, através do exercício da escrita científica, procuramos atender todo um rigor científico, com ética e respeito à lei, o que nos remete ao tempo necessário à criação, sem pressa e com cautela, para apresentarmos nosso pensamento com o cuidado que a psicanálise exige, nos confrontando com a pressa do mundo atual.

Por fim, gostaria de dizer que desejo que permaneçamos exercendo o que nosso mestre nos ensinou, escrevendo nossos registros, nossos manuscritos, procurando nesse processo alcançar nossos pares, com a humildade de expor nossos pensamentos e acatar as observações críticas. Refletir, dialogar e extrair dessas críticas elementos para nosso crescimento científico e pessoal.

Pertencemos a uma Sociedade Psicanalítica Internacional com imensa produção científica, temos inúmeras revistas, jornais, sites, jornadas, congressos, seminários, atividades científicas que nos alimentam. Autores diversos, através dos seus escritos nos levam a pensar e a questionar o pensamento psicanalítico, ao nos apresentarem suas clínicas de forma brilhante. Toda essa vasta produção científica nos ajuda na compreensão dos nossos pacientes e de nós mesmos. Permitem-nos que acompanhem o pensamento psicanalítico na sua evolução tal como interage com o momento atual, sem deixar de fazer suas referências à sua história. Portanto, nossa proteção ao nosso maior legado, como Freud nos ensinou.

E por fim, desejamos que esse encontro nos permita a troca de ideias sobre nosso ofício como analistas-escritores e analistas-revisores e que surjam estímulos para mais produções sobre a escrita científica em psicanálise.

REFERÊNCIAS

- Barros, E. M. (2016). Ser editor da RBP nos anos 90 no Brasil. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 50 (1), pp. 274-278.
- Freud, S. (1974). *O inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1974). *Uma nota sobre o Bloco Mágico*. Rio de Janeiro: Imago. p. 285-290.
- Green, A. (1994). *O desligamento: psicanálise, antropologia e literatura*. Rio de Janeiro: Imago.
- Mezan, R. (1988). *Escrever a clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ogden, T. H. (2010). *Esta arte da psicanálise: sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos – sobre a escrita psicanalítica*. Porto Alegre, pp. 139-154.
- Ogden, T. H. (2013). *Reverie e interpretação – Captando algo humano*. São Paulo: Escuta, pp. 21-32.
- Tanis, B. (2015). A escrita, o relato clínico e suas implicações éticas na cultura informatizada. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 49 (1), pp.179-192.